

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memória dos Pacientes

A Alegria em Alegrar

História de [Marina Quinan](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 12/07/2004

Projeto Memórias do Paciente
Deponente Marina Quinan
Entrevistadoras: Inês Barreto, Morgana Mazzetti e Emílio Perron
São Paulo, 16 de maio de 2001
Realização Museu da Pessoa
XX_HVXXX_Marina Quinan
Transcrição feita por: Jurema de Carvalho
Revisado por Erick Vinicius de Araujo Borges

P/1 – Bom, para começar gostaria que você falasse seu nome, local e data de nascimento.

R – Marina Quinan, nasci em Goiânia em 20 de março de 1976.

P/1 – Nome de seu pai?

R – Emílio _____ Marcos Quinan.

P/1 – Ele é de lá mesmo?

R – Ele é de uma cidade que se chama Ipameri, no interior de Goiás.

P/1 – Você conheceu seus avós?

R – Conheço. O pai dele, o pai dele nasceu em Ipameri e a mãe do meu pai nasceu numa cidade chamada Três Quartos da Limeira, hoje mudou o nome, mas é tudo em Goiás, a família do meu pai é toda de lá.

P/1 – A origem é de lá mesmo, não vieram de outro estado ou de outro país.

R – O avô do meu avô era sírio, mas bem longe.

P/1 – Isso do lado do seu pai?

R – Do lado do meu pai e o avô da minha mãe era italiano.

P/1 – Nome da sua mãe?

R – Marisa Canelli nasceu em São José do Rio Preto, São Paulo.

P/1 – E os pais dela, são de lá, você conhece?

R – A mãe da minha mãe nasceu Poloni no Estado de São Paulo, na região, existe, até já vi no mapa. Meu avô acho que é de São José do Rio Preto mesmo, ele não sei, faleceu eu era pequena.

P/1 – Vou pedir para você falar um pouco das atividades dos seus avós, de um lado e de outro, se você conhece um pouco da história dos seus avós.

R – Meu avô, pai da minha mãe, faleceu eu tinha uns sete anos e a mãe da minha mãe é super religiosa, frequenta bastante a igreja, é uma figura bem fechada nesse mundo. O contato que tenho com ela hoje é bem pouco, é só “Oi vó, tchau vó”.

P/1 – Ela continua morando no interior?

R – Não, mora aqui.

P/1 – Quando que ela veio para São Paulo?

R – Ela veio quando minha mãe tinha uns 15 anos, há muito tempo.

P/1 - Então sua mãe cresceu em São Paulo?

R – Cresceu em São Paulo.

P/1 – A atividade do seu avô, porque ele veio para cá, você sabe?

R – Ele tinha uma loja de tudo.

P/1 – Em que lugar de São Paulo?

R – Não sei.

P/1 – E do seu pai, você conhece um pouco da família dos seus avós?

R – Meu avô morava em Itaberá, o pai do meu pai e minha avó já era casada nessa época que eles se conheceram. Eles se conheceram na cidade, não sei por que minha avó foi morar em Itaberá, mas foi morar lá. Já era casada, tinha três filhas, o marido faleceu e meu avô casou com ela, então, casaram de novo e nasceram mais quatro filhos e meu pai é dessa segunda barrigada. Eles tinham comércio, aquela coisa de vender comida, queijo.

P/1 – Bom, vamos contar um pouco da sua vida, sua infância, quantos irmãos você tem. Onde você nasceu, o começo da sua vida.

R – Nasci em Goiânia, tenho dois irmãos, um mais velho e um mais novo. O mais velho tem dois anos a mais e o mais novo tem dois anos a menos. A gente cresceu em Goiânia, a gente morava numa casa, uma rua de terra, num bairro – hoje em dia não é mais assim porque Goiânia cresceu muito. Era um bairro muito afastado do centro da cidade, para chegar é como se fosse para periferia, cresci lá, fiquei até uns nove anos. Na rua onde morava tinha muito menino, tinha duas meninas. Eu cresci, mesmo porque tinha só irmãos, muito com meninos, brincadeiras de menino, brincadeira de rua.

P/1 – Que brincadeira que eram?

R – Esconde-esconde principalmente, valia por quatro quarteirões, era um esconde-esconde eterno, nunca se achava ninguém, sumiam, ficavam o dia inteiro escondido, fazendo outras coisas nas casas de outras pessoas. A gente fazia pista de bicicleta, tinha muito terreno vazio, íamos com enxadinha, construía pista de bicicleta, fazia campeonato, empinava pipa. Quando a rua foi asfaltada, a gente ficava em cima dos caminhões de piche, voltava com piche no pé, não saía nunca.

P/1 – Você se lembra do asfalto chegando na sua rua? A primeira escola, você começou a frequentar a escola lá em Goiânia?

R – Lá entrei na escola um pouco tarde porque... Acho que entrei na escola com uns seis anos.

P/1 – Com seis anos, era pré, provavelmente.

R – Se não me engano entrei um antes que o pré, devia ser maternal, chamava Educandário Goiás, era uma escola que toda minha família estudou, os primos... Tinha a diretora da escola, a Dona Maria. A escola era numa casa, talvez um pouco maior que essa só, era super familiar, me lembro que quando o botão da saia caía, ia na sala da diretora e ela costurava o botãozinho.

P/1 – Era uma classe pequena, poucos alunos.

R – Pequeninha, a escola em si era pequeninha.

P/1 – Então tinha só pré-escola?

R – Tinha até a quarta série essa escola, depois a gente tinha que mudar e como saí na terceira, em Goiânia estudei só nesta escola.

P/1 – Você se lembra como era a escola?

R – Me lembro muito do que a gente brincava, brincávamos de elástico, uma brincadeira que duas pessoas ficam segurando o elástico, lembro que era muito boa nisso. Pulava muito alto, era a melhor coisa de brincar na escola, me lembro de uns dias que a gente tinha que cantar o hino nacional, ficava na fila cantando o hino nacional. Não era sempre assim, tenho esses flahs assim.

P/1 – E vocês faziam lazer assim, fim de semana, viagens, com a escola ou com a sua família?

R – Com a escola não, não tinha esse tipo de atividade, mas com a família, com as irmãs do meu pai. Meu pai tem seis irmãs, ele é o único homem, as irmãs e as famílias das irmãs, tinham muitos sítios, fazendas. Ia bastante na casa de uma prima. De viagem era isso, a gente ia muito para o interior, para fazenda.

P/1 – Bom e com nove anos você mudou para São Paulo. Como foi essa mudança, o que você achou, você já conhecia São Paulo?

R – Então, foi um pouco horrível assim. Tinha vindo uma vez para São Paulo, vim conhecer o Mundo da Criança, era um tipo de Play Center. Não sei se chamava Mundo da Criança, não sei como que era, vim com uma excursão que foi horrível. Falava “Mas para que tudo isso?”, acho que minha mãe que queria que a gente viesse, fez a maior força para gente vir, veio eu e meus irmãos e tive essa impressão, era tudo muito grande e tumultuado. A gente veio sozinhos sem os pais, quando mudei foi meio um choque. A gente mudou para um lugar muito legal que é onde eu moro hoje, que é um condomínio de oito prédios onde a minha avó morava com a minha mãe. Minha mãe, antes de se casar com meu pai, morava nesse lugar, um condomínio na Aclimação. Quando minha mãe casou foi para Goiânia e quando voltamos, voltamos para o mesmo lugar, para outro prédio, mas o mesmo condomínio. É um lugar legal, tem quadra, tem muita criança, mas para mim que estava acostumada a andar só descalça e de calcinha na rua, não tinha uma coisa que já tinha aqui em São Paulo que era menino/menina. Eu não tinha isso, para mim é como se fosse o mesmo sexo até então, minhas brincadeiras eram todas junto com meninos, não tinha como olhar diferente. Era tudo igual e aqui, quando cheguei, tinha essa coisa, porque tão diferente, porque precisava uma turma para menino e uma turma para menina?

P/1 – Foi difícil você encontrar sua turma.

R – As meninas queriam saber de outras coisas, queriam saber de ficar falando, fofocando, fofocando, fofocando. Isso para mim não tinha o menor interesse, queria jogar bola, brincar. Isso me irritava um pouco, ao mesmo tempo super insegura, numa situação super insegura de querer também se integrar e fazia várias coisas que não tinha vontade, mas fazia porque era da turma e tinha que fazer. Ainda que fosse um condomínio e uma turminha muito fechada, conheço as pessoas até hoje.

P/2 – Porque vocês vieram para São Paulo?

R – Porque meus pais se separaram, meu pai foi morar em Belém do Pará e minha mãe voltou para cá.

P/2 – Os seus pais se conheceram como, ela morava aqui e era de lá.

R – Ela morava em Rio Preto, meu pai quando tinha uns 20 e poucos anos, fazia teatro. Ele foi se apresentar num festival em Rio Preto, se conheceram na porta do teatro, estavam tocando violão, meu pai estava e minha mãe também. Se conheceram e começaram a namorar, a conversar de música. Meu pai adora música, eu adoro porque ouvi desde pequena música brasileira, eu adoro. Contam essa história engraçada, minha mãe perguntou: “Alguém sabe cantar a música do Dorival Caymmi – O Mar?” e meu pai “Eu sei”, e sabia cantar, na época não sei se as pessoas conheciam Caymmi e tal. Eles começaram a namorar, namoravam por correspondência praticamente, minha mãe foi para lá algumas vezes e meu pai veio para cá algumas vezes e se casaram. Minha mãe foi morar em Goiânia, uma sociedade muito machista.

P/2 – Se separaram, até que eles ficaram bastante tempo. Eles ficaram um tempão casados.

R – Eles se separaram, meu pai foi para Belém e minha mãe voltou.

P/1 – Seu pai foi para Belém por quê?

R – Nessa época ele trabalhava na Arisco e tinha que ir alguém para lá representar a Arisco no Pará, ele foi. Ele já ia, mora até hoje lá.

P/1 – Sua mãe, você disse que ela é arqueóloga, ela sempre trabalhou, como foi?

R – Na verdade minha mãe fez Direito, a primeira faculdade dela, ela se formou, mas só que nunca gostou, fez porque mandaram ela fazer. Depois fez especialização em arqueologia e hoje em dia ela trabalha com isso, aqui em São Paulo.

P/2 – Desculpe a curiosidade, como é trabalhar com arqueologia?

R – Ela está trabalhando em um projeto, são projetos, o ano passado ela foi para o interior de Goiás, o interior de Goiás, para fazer a limpada, eles iam limpar um muro da época dos bandeirantes. O trabalho era ficar limpando, tirando o que não era da época, hoje ela está num projeto que é de uma aldeia dos Guaranis, em Bertióga, e no Pico do Jaraguá que eles estão escavando um poço de Afonso Sardinha. Mais ou menos, isso, trabalha no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE).

P/1 – A escola, como foi a parte da mudança de escola, você estava contando da parte do condomínio...

R – A gente entrou numa escola, os três, eu e meus irmãos. Entramos para uma escola que se chama Anglo Latino, fica perto do Parque da Aclimação, uma escola gigante, super formal, hoje em dia chamo de uma educação castradora, você é um número dentro da escola. Tinha vindo de uma escola onde a diretora costurava o botão, cheguei numa escola onde você tinha uma carteirinha com uma foto, tinha que colocar na caixinha na hora que você entrasse, para receber a presença, era muita coisa. Tinha muitos professores, muitas aulas, muito... Lá tinha aula com no máximo duas professoras, era muita informação, não tinha tempo. O Anglo é assim, essas escolas vão muito pela quantidade de informação que tem que ter e pouco... Não sei. Acho que não aprendi muita coisa nesse colégio porque não tinha vontade de estudar, era obrigada a estudar.

P/1 – Você se deu mal?

R – Não, sempre estudei porque tinha que estudar, decorava tal coisa porque tinha que passar na prova. Isso que acho péssimo nessas escolas, porque não se aprende nada, não é prazeroso o tempo que você fica lá. Também tinha que cumprir uma carga horária, então você tinha aula de sábado, de segunda a sábado com 14 – 15 anos, é um absurdo.

P/3 – Mas você entrou no Anglo com quantos anos?

R – Nove e fui até o terceiro colegial.

P/3 – Os teus irmãos também sofreram com a vinda?

R – O mais velho acho que ele sofreu tanto porque se integrou logo com a molecada. Mas o mais novo sofreu; não sei até que ponto.

P/1 – Então foi uma mudança radical de Goiânia para São Paulo, a cidade muito grande, você se sentiu perdida na liberdade, em tudo?

R – É, só essa coisa de você não poder brincar livre, a brincadeira ter que ser presa num lugar, e as brincadeiras eram outras, tem uma quadra lá e tudo tinha que ser brincado dentro da quadra. Eram outras brincadeiras. As brincadeiras eram baseadas em alguma coisa, num skate, num patim, num brinquedo que está ali e as pessoas brincam com o brinquedo. Em Goiânia o brinquedo era a integração das pessoas.

P/1 – Tinha uma grande diferença e a televisão, como entrou na sua vida? Estou perguntando por que uma pessoa da cidade via muita televisão, ou não?

R – Em Goiânia não, não tinha muito tempo. Em São Paulo mais, me lembro que fiquei dois anos praticamente dentro de casa, olhando e não acreditando que estava aqui. Não estou acreditando que fico o dia inteiro presa dentro de um apartamento e assistia bastante televisão. É engraçado porque me lembro, na época tinha o Bozo. Quando cheguei aqui as crianças amavam o Bozo e não sabia nem o que era. Tinha que assistir para falar com os meus amiguinhos, achava ruim aquilo, não achava engraçado. A televisão teve que entrar, tive que assistir para poder me integrar. Até então não, chegava da escola a meio dia, ficava na rua até anoitecer, estando de castigo ou não, porque fugia de casa quando estava de castigo.

P/2 – Você conversava das coisas que você estava sentindo com alguém? Alguém que te ajudou?

R – Não.

P/2 - Nem com teus irmãos? Foi uma coisa mais solitária?

R – Foi, porque quando a gente voltou, minha mãe teve que trabalhar muito e ela chegava a noite.

P/1 – Você via pouco a sua mãe?

R – Via pouco.

P/3 – Ninguém sabia que você estava descontente?

R – Não, acho que não, acho que só eu.

P/1 – Tua mãe gostou de vir para São Paulo?

R – Gostou, acho que sim.

P/1 – Era a cidade dela, não teve muito problema. Bom, como continuou, além da escola, você foi crescendo, falou que começou a fazer teatro, como foi isso?

R – Foi na escola, não sei por que me deu vontade de ir, mas tinha um curso de teatro, aí fui, era com um professor de História o curso e o professor entregou um texto que era os Saltimbancos e falava “Faz aí” e dormia na cadeira.

P/1 – Isso era aula de teatro?

R – A gente ficava brincando, fazia o que a gente achava, “Vamos fazer assim esta cena!” Acho que tinha uns 13 anos, uns 12, não sei. “Ah, vamos fazer assim, vamos cantar assim?” A maioria já tinha assistido ao filme e ficava copiando, o professor dormia e era isso. Esse “Nipe da Educação”.

P/1 – Era uma opção dentro da escola, dentro do que você tinha. Podia ser arte ou teatro ou não?

R – Podia ser esporte ou teatro.

P/1 – Arte não tinha?

R – Não.

P/2 – Você começou a pegar o gosto, viu que gostava disso?

R – Aí foi chegando a época, primeiro colegial, todo mundo sabia o que fazer e eu nada do que quero. Uma hora, acho que na oitava série, fiquei pensando, vou fazer teatro, vou experimentar.

P/3 – Vocês apresentaram o Saltimbancos?

R – Apresentamos na escola, para os pais, depois fizemos outra, Morte e Vida Severina.

P/1 – O professor continuava dormindo?

R – Continuava dormindo, aí foi demitido (risos). Era um bom professor de História.

P/1 – Você tinha aula também de História com o mesmo professor? Na aula de História ele não dormia, só na aula de teatro?

R – Ele era de Minas, de Montes Claros, aí voltou para lá, eu lembro, no último ano. Sempre foi ele o professor, a gente brigava, até no segundo colegial fiz direto teatro. A gente brigava, tinha uns meninos mais velhos que falavam que queria _____. Eu falava “Não, acho isso feio” e o professor deixava, tinha que se virar, tinha que resolver. Antes de terminar o terceiro colegial entrei no Célia Helena, foi a escola que fiz nova, tinha 16 anos. Fiz a escola, terminei e comecei a trabalhar.

P/1 – Como foi essa escola.

R – Na época eu gostava, fiz com 16, 17 e 18 anos. Gostava bastante na época, hoje em dia crítico bastante, acho que poderia ser muito melhor, enquanto escola de teatro, mas como aluna, gostava muito.

P/1 – Conta um pouquinho, como era, o que você aprendia, porque hoje você acha que não era tão bom?

R – A gente tinha aula de teatro, de voz, expressão corporal, interpretação de texto, canto.

P/2 – Com que frequência?

R – Começou com duas vezes por semana, à medida que você ia passando de semestre ia aumentando até que ficava todo dia. Começou desde não ter fim de semana, até hoje, nessa área...

P/1 – Você, ao mesmo tempo em que fazia o curso, já estava dentro de alguma peça ou não?

R – Não.

P/2 – Quanto tempo durou o curso?

R – Três anos. Agora acho que são três anos e meio, mas na época eram três anos, a gente tinha essas aulas, uma aula de teatro e de outra coisa. Gostava bastante, como achava bastante coisa de teatro quando fazia e o professor dormia, chegando lá vi que tinha intuição do que era e me falaram “É assim, a técnica é essa”. As pessoas que eu conheci lá também são super amigas até hoje, foi ótimo por causa disso, na época também. Não tinha um olhar tão crítico, eu não sabia nada, como não sei até hoje. Acho que é uma escola muito paternalista, não se forma, na verdade, atores, forma um bom público de teatro e isso questiono um pouco, mas as pessoas que entram são muito novinhos.

P/2 – Quantos anos você tinha quando você entrou?

R – Dezesesseis, terminei com dezoito.

P/3 – Como era você estar no Célia Helena, fazendo uma coisa que você gostava, ao mesmo tempo o colégio? Você entrou em mais crise por causa disso?

R – Não, daí desencanei de vez do colégio, comecei a gostar muito de teatro. Entrei meio que só para ver o que era. Até é curioso porque quando estava procurando curso de teatro, liguei para o meu pai e perguntei “Pai, você conhece alguém?” Porque meu pai tinha alguns contatos e ele é amigo do Celso Viafóra um músico, ele ligou para o Celso para ver se conhecia alguém. “Eu estudei com uma pessoa que da aula em uma escola, a Soráia, dos Doutores da Alegria.”.

P/1 – Ela deu aula para você?

R – Deu aula para mim no Célia Helena, deu aula de Commedia dell’arte. Então descobri o que mais gostava no teatro era Commedia dell’arte (?), que a Soráia que... Hoje a gente trabalha junto.

P/1 – Eu sei quem é, trabalha nos Doutores.

R – Comecei a gostar de verdade, é isso que quero, fazer teatro, estudar isso. O vestibular, prestei só por prestar, para Artes Cênicas, mas não passei nem na primeira fase, porque não estudava, estudava para passar de ano, não fazia cursinho. No colégio tinha aula extra, se você quisesse você ficava das sete da manhã a sete da noite estudando. Imagina, ia cumprir minha função e ia embora, não queria nem saber, não tinha nenhuma motivação. A gente tinha uma apostila de História que foi feita por um professor que faleceu, ele dava aula de História do Brasil. Fazia a apostila e colocava o que queria da História do Brasil, colocava falas de Dom Pedro e você tinha que decorar. Tipo a pergunta era essa, você decore isso, continuava mantendo esse professor porque ele era o pai do dono da escola. Não quero, passei de ano, nunca fiquei de recuperação, passava tudo, decorava tudo.

P/1 – Cumprir a obrigação.

R – Cumprir a obrigação para fazer o que queria.

P/2 – Como era com o teu pai, você via ele freqüentemente?

R – Até terminar a escola via duas vezes por ano, nas férias. A gente ia para lá sempre em julho e no final de ano, sempre que tinha férias a gente passava lá.

P/2 – Como foi isso, conviveu com ele depois via só duas vezes por ano.

R – Foi tranquilo, era o suficiente, lógico, dava saudade, mas ele foi sempre uma figura muito presente, apesar da distancia, a gente sempre se falou muito, ele teve uma participação em todos os momentos importantes, mesmo de longe. Dava saudades, queria que as férias chegassem, também porque férias é férias, sempre o melhor momento, você fica passeando, sempre prazeroso.

P/2 – Você ia para Belém? Você ia encontra-lo?

R – A gente ia para Belém

(TROCA DE FITA)

P/1 – E os namorados, quando começaram aparecer?

R – Em Goiânia, tinha o primeiro, com nove anos, dei até um beijo na boca dele, era o Kleiton, ele morava em frente a minha casa. Gostava dele, não tem explicação, uma vez a gente estava brincando de esconde-esconde e ele me lascou um beijo, não foi um namoro, foi só um beijo.

P/1 – Você veio para São Paulo e ficou o namorado lá.

R – Era uma coisa engraçada, não tinha assim, não se falava em namoro, não se passava isso pela cabeça. Foi legal, foi só um beijo, ainda bem que teve porque gostava tanto dele, era tão amigo, a gente brincava junto. Me mudei, nunca mais o vi, vi os irmãos uma vez que fui para lá, fui na rua onde morava e vi o irmão dele, mas nunca mais vi.

P/1 – Depois desse?

R – Teve um namoradinho na escola, aqui, mas isso depois de muito tempo, quer dizer, não tanto tempo assim, tinha uns 12 anos. Onze, doze anos, não sei. Ele era da escola, do Anglo e a gente namorou uns dois anos, assim, de namorar, mão dada, ia no bailinho. O Brunora, fui ver ele no ano passado, quando sofri o acidente, ele foi lá em casa.

P/2 – Brunora?

R – Brunora era o sobrenome, Eduardo Brunora. As pessoas se chamavam pelo sobrenome na escola, já era uma coisa tão...

P/1 – E você convivia com a família dele?

R – Convivia, a mãe dele era professora de português, mas não da gente, do primário. Então, convivia, o irmão dele era amigo do meu irmão mais velho.

P/3 – E porque vocês terminaram?

R – Ah, sei lá, acho que ele mudou de escola. (risos) É foi isso, ele foi estudar no Objetivo.

P/1 – Bom, então vou continuar perguntando em relação ao teatro, como foi a evolução, depois que você fez o curso, já começou a trabalhar?

R – Eu já comecei a trabalhar, não ganhava dinheiro com isso, mas trabalhava, fazia peça em escola, espetáculo vendido em Santo André. Eu e mais três pessoas que estudaram comigo, resolvemos fazer um grupo de estudo de Commedia dell'arte, de teatro de rua, convidamos a Soraia para dirigir e fizemos uma peça. Na verdade a gente ainda não tinha esse grupo, era eu, a Juliana e mais uma menina. Fizemos Dom Quixote na rua, a gente ensaiava na praça, essa praça aqui em cima, aqui, bem na Delfina. A gente ensaiava na praça porque a Soraia mora aqui do lado, a gente ensaiava aqui e apresentamos no “Arte nas Ruas”. A gente resolveu estudar para fazer um projeto, fazer teatro de rua e ir viajar, algumas cidades e ir viajando assim. Eu, a Juliana, Marcos e Leandro montamos um grupo que se chamava “Trupe Quintal” e fizemos outra peça de teatro de rua, por conta própria a gente, cada um trabalhava em outros lugares, dava para fazer isso. Comecei a trabalhar na Casa do Teatro, cada um fazia as suas coisas e por conta própria a gente se apresentava três vezes por semana nas praças, em quase todas as praças de São Paulo.

P/2 – Tinha bastante gente assistindo?

R – Tinha, ajuntava bastante gente, tudo quanto era tipo de gente.

P/2 – Era anunciado no rádio, como as pessoas ficavam sabendo?

R – As pessoas ficavam sabendo naquele momento, não tinha divulgação nem nada, passávamos e íamos chamando as pessoas, com uma música que íamos cantando, tocando e ia ajuntando gente. Teve umas coisas muito interessantes, numa praça na Lapa, tinha um cara que vendia erva, era um lugar perfeito, a gente colocou as coisas do lado e ele falou “Não, vocês não podem apresentar aqui, aqui é meu espaço”. Até que ele cedeu o espaço dele para gente apresentar, era engraçado assim, a disputa dos espaços nas praças.

P/3 – Cada dia, no fim de semana, vocês escolhiam uma praça?

R – Segunda, quarta e sexta, não eram de fim de semana.

P/1 – Que horas?

R – Meio dia.

P/1 – Como era esse negócio das disputas dos espaços nas praças, acho interessante isso. O que você achou das praças de São Paulo, tem dono, não tem?

R – Tem, tem, todas têm, aquelas pessoas que habitam aquele lugar. É legal você, com o teatro de rua, tem que pedir permissão também para entrar nesses espaços que já tem dono. Não é chegar lá e... Precisa de certo cuidado com uma praça porque as pessoas tem vínculo com aquele lugar. A gente apresentava, passavam gente no meio, era um momento dele assim, eram mendigos, pessoas que surtavam em ver aquilo, entravam e queriam ficar, participando. Participava mesmo, porque a gente colocava eles dentro mesmo, era um grande momento. Tivemos coisas maravilhosas e teve esse projeto que não foi para frente, a gente estava escrevendo um texto. Porque esse foi o grande teste, vamos ficar um ano para ver o que é, para ter certa experiência porque teatro de rua é uma improvisação o tempo inteiro, vamos ter certa experiência. A gente tinha esse projeto que chamava Baú Brasil que era para ir viajar. Com o acidente, não aconteceu, estávamos no ponto, mandou para o Ministério e tal, estava aprovado, aí teve o acidente e meio que dispersou.

P/3 – Se desfz o grupo?

R – Para o profissional sim, a gente se vê até hoje, além de tudo somos amigos, mas para esse projeto sim. Eu já não fiquei mais a fim, porque o tempo de recuperação foi um ano e as pessoas tiveram que buscar outras coisas, foi natural essa dispersão.

P/3 – O que foi de maravilhoso, de marcante para você?

R – Das apresentações? Principalmente dessa coisa de estar todo caracterizado com máscara, as pessoas mais simples, não tem diferença entre um artista e eles. Isso eu acho lindo assim, eles são também artistas, então têm o direito de chegar lá e interagir, Commedia dell'arte é

improvisação o tempo inteiro, já é aberto para isso, mas era uma participação que não era o fim e era lindo porque cada dia que vinha alguém participar da peça era demais, esses miúdos. Eles punham alguma coisa e vocês iam na linha do que estava sendo proposto, é como se ele quisesse também participar, “eu quero também roubar isso”, era a história de dois ladrões, “também quero”. Era a mesma estória sempre. É um conto medieval chamado “O pastelão e a torta”. São dois mendigos que roubam um pastelão de um dono de pastelaria, sei lá. É mais ou menos isso, os dois roubam, tem a mulher que faz o pastelão, uma era Namorada, um Pantalone, um Arlequino e um Briguella, era uma bobagem, a estória não tinha nada em si, o interessante na Commedia dell’arte não é tanto assim, hoje em dia, o mais legal é a característica dos personagens. Como eles são interessantes por si, a estória vai sendo improvisada. ra uma bobagem, dois mendigos que queriam roubar um pastelão.

P/1 – Dentro da Commedia dell’arte quantos personagens tem, quais são os personagens?

R – Acho que tem nove.

P/1 – Vocês faziam quatro, fala um pouquinho.

R – Tem o “Pantalone” que seria a representação do velho rabugento rico, dono de coisas, mercenário.

Tem o “Dottore” que seria a representação da sabedoria, ele sabe tudo de tudo, é um doutor de tudo, patético, vai emendando uma coisa com coisa e não tem lógica nenhuma, mas só de falar coisas, vai indo, vai indo, vai indo... Só por saber. O que é saber? Não é nada.

A Comedia dell’arte é uma grande crítica, quando ela apareceu era bem isso, uma crítica a essas pessoas, a esses padrões de sociedade.

Tem os servos. O Briguella e o Arlequino. O Arlequino é o faminto, o avô do palhaço, é o faminto, o que existe para ele é só o momento presente. Tudo para ele, quer ver se dá para comer, precisa primeiro suprir essa necessidade. Burro, burro de tudo, ignorante, mas extremamente feliz. O Briguella é um pouco mais esperto, tem uma certa noção, bola planos.

Tem a Namorada, apaixonada sempre.

P/3 – Não é apaixonada por um deles?

R – Não, é uma apaixonada, nas estórias aparece ela apaixonada por um capitão. Ela o acha super corajoso, se acha super corajoso e na verdade é um grande covarde, fica contando glórias de batalhas e quando aparece um perigo “Socorro, socorro, preciso salvar uma donzela” e vai embora. É uma grande crítica a tudo isso, tem _____, a Gonda(?) que é uma forma mais esperta assim, usa os poderes sexuais para conseguir o que ela quer, mas ao mesmo tempo ela sabe _____

P/1 – Você falou de quase todos. Não sei se foram todos, ou ainda tem personagens.

R – Buchela e _____ latino.

P/1 – Então, você estava contando que estava _____ porque você pretende fazer viagens. São 10 viagens, começaram por São Paulo. Durante um ano você ficou em _____ Aí você teve um acidente e foi muito feio _____

R – A gente completou esse ciclo das praças e fui fazer o caminho de Santiago de Compostela, passei um mês andando. Quando voltei, voltei completamente querendo outras coisas.

P/1 – Tinha havido uma mudança de pensamento, antes de você...

R – Já tinha, mas ainda tinha _____ esse projeto. Queria muito, tanto é que saí um ano da Casa do Teatro, porque queria estudar mais _____, me dedicar mais e nesse ano estava tendo muito tempo. Quando voltei do Caminho, não conseguia mais andar de carro e comecei a andar de bicicleta... Foi quando aconteceu...

P/1 – Espera aí. Conta isso que acho muito interessante. Conta como é que foi esse Caminho de Compostela.

R – Já tinha ouvido falar nesse Caminho, mas nunca tinha tido vontade, então comecei a namorar um menino, João Guilherme, um grande amigo meu até hoje que acompanhou todo acidente. Comecei a namorar com ele e a um mês ele ia fazer o Caminho., já estava tudo pronto. Falei: “Eu vou junto”, não fui por nenhum motivo,” Vou lá, vou conhecer...”, não foi por nenhuma coisa meio mística, fui porque _____ é mais simples.

P/1 – Que idade você tinha?

R - Eu tinha 20... Por aí 22, fazem três anos que fui. O caminho é maravilhoso, chegou lá, a gente não conseguia... Andamos uma semana um pouco junto, depois a gente fez o caminho sozinho, nos encontrávamos em alguns lugares, mas fez cada um por si, porque é uma coisa muito solitária.

P/1 – O ritmo de cada um é diferente?

R – O ritmo de cada um é diferente e ele andava mais rápido e se fosse andasse me esperar se cansava, é uma coisa assim, todo dia você chega num ponto de limite físico e mental. Tudo fica a flor da pele, suas irritações, seus medos, vontades, tudo. É como se você permitisse hoje em dia sentir um e lá vai para dez o volume, se tivesse um... Tudo muito intenso, é muito bom ficar sozinho...

P/1 – Quanto você andava por dia? Tinha um limite de horas?

R – Em média uns 25 quilômetros por dia, mas teve dias que eu andei 10 quilômetros como teve um dia que andei 50 quilômetros. É o ritmo que o corpo ia, não é o tanto que você quer. É o tanto que você pode.

P/1 – Você definiu o ponto que você queria chegar?

R – No começo tinha que se definir porque onde a gente dormia, os albergues, de tanto em tanto, de cidade em cidade. Depois de uma semana de caminhada, tinha albergue em mais cidades, as pessoas se distanciavam mesmo, cada um fazia no seu ritmo. No começo era um grande esforço você ter que dormir, ter que chegar no albergue. Teve muitas noites que dormi na praça, uma noite que não consegui chegar em lugar nenhum e tive que dormir numa praça, foi maravilhoso.

P/1 – Em que mês do ano você foi?

R – Eu fui em julho, verão.

P/1 – Tinha muita gente fazendo? Você conheceu pessoas?

R – Conheci, tinha muita gente, se fosse fazer de novo não faria em julho. Tinha albergues que não tinha lugar, a gente dormia em igreja abandonada, assim aqueles que sobravam, porque eles têm um grande cuidado com os peregrinos. As pessoas se imobilizam por demais para cuidar, tem até aqueles que querem pegar em você achando que você é santo. Eles têm uma relação muito diferente, fazem tudo por um peregrino, você chega num lugar eles querem lavar seu pé.

P/1 – Aconteceu isso com você?

R – Tinha uma que queria furar as bolhas, porque eles costuram as bolhas para não inflamar, não infeccionar. Tinha um albergue que tinha uma pessoa costurando as bolhas.

P/2 – Achei que tinha um caráter turístico, então não tem? Tem um caráter espiritual?

R – Tem um caráter super-religioso, tem gente de tudo quanto é religião, com motivos muito diferentes. Tem gente que vai por esporte, mas uma coisa maluca que acontece é que cada um... Conheci um senhor que mora no Rio, ele foi com uma mochila pesadíssima, tinha até raquete de tênis, terno. Achei que ele estava pagando alguma promessa porque ganhou algum campeonato de tênis. Ele falou que não, tinha ido jogar tênis com uns amigos na Europa e resolveu fazer o caminho, ele queria fazer 50 quilômetros por dia. Só que já tinha conseguido e quando conheci ele falei “Se você já conseguiu, porque você não vai embora, se esse era o seu objetivo?” “Não, porque eu preciso chegar.” Era engraçado, num determinado momento, cada um foi para lá com um objetivo, mas naquele momento de um mês, todo mundo tem o mesmo objetivo que é chegar em Santiago.

P/1 – Acaba sendo um objetivo comum?

R – Um objetivo comum, isso faz com que as pessoas fiquem muito mais, cuidando um do outro porque estão todos vivendo as mesmas coisas, as mesmas dores, as mesmas subidas, as mesmas descidas, a mesma falta de água, de comida. Isso é muito interessante, por mais que as pessoas pensem completamente diferente, alguma coisa faz com que pense, tem um mesmo objetivo num determinado tempo da vida dela. Isso é uma coisa que não... Fui sem expectativa nenhuma e voltei com muitas coisas boas.

P/1 – O que mudou? A maneira com que você encarou, acha que acrescentou para você?

R – O que mudou, o que foi muito radical é que comecei a dar um valor incrível para as coisas miúdas. Tipo, quando voltei, o que me fez andar de bicicleta, ia trabalhar, não queria mais: estou na minha casa – estou no trabalho. O trajeto de ir de um lugar para o outro é como se fosse a coisa mais importante, é um detalhe que a gente não... Acho que aprendi a olhar os detalhes, quão prazeroso é beber água, quão prazeroso é andar e é uma coisa absurda. Quando voltei para cá, não conseguia ficar, fazia milhões de coisas, capoeira, dança, kung-fu. Ia de bicicleta para todos os lugares, da minha casa até a Granja Julieta, de bicicleta, treinava, voltava. Era um absurdo, virei uma máquina, não conseguia parar, até que fui atropelada.

P/1 – Você estava de bicicleta?

R – Estava, estava de bicicleta, porque não conseguia andar mais de carro.

P/1 – Como foi esse atropelamento?

R – Estava indo da minha casa, fazendo um curso de máscaras com um grupo do Rio. Não sei se existe ainda, estava indo da minha casa até o curso, de bicicleta e tinha um ônibus na Av. Paulista, um caminhão de Coca-Cola na faixa dos ônibus, andava entre a faixa do ônibus e a primeira faixa de carro que era um espaço bom. Os ônibus ficavam e tinha um espaço bom, dava para passar um carro, uma bicicleta. Um ônibus me fechou e eu caí. Não sei se a roda passou por cima ou se só bateu, não sei exatamente porque eu só senti a dor, a batida.

P/2 – Eu não entendi, o ônibus brecou?

R – Tinha um caminhão e eu estava aqui, o ônibus foi ultrapassar só que ele foi ultrapassar, eu estava no meio, quando foi voltar eu caí, a roda de trás do ônibus, fiquei bem no meio e a roda de trás do ônibus que pegou.

P/3 – Foi que horas isso, à noite?

R – Não, de manhãzinha assim. Umas 9.30 – 8.30h. É 8.30h.

P/1 – Bem e quem te socorreu, como foi? Você perdeu os sentidos?

R – Não, não perdi, queria levantar porque pensava “Meu, vou ser atropelada!!” e já tinha sido. Eu falava “Eu preciso levantar para sair daqui”, aí vi que não conseguia.

P/3 – Você não sabia que ele tinha passado em cima de você?

R – Não, sabia que eu não conseguia me mexer.

P/2 – Aí alguém veio te socorrer?

R – Começou a juntar gente, teve um cara que pegou na minha mão e falou “Calma”, esse cara é amigo de uma amiga minha. Lembro que fiquei esperando a morte, porque doía muito, era um absurdo, achava que nunca ia ter medo da morte, mas naquela hora eu senti um puta medo. Falei assim “Acho que vou morrer”, fiquei esperando, esperando. Então disse assim “Se eu for morrer, me manda alguém para ajudar que eu estou com muito medo” e fiquei esperando. Mas aparecia, olhava para as pessoas e falava, “Mas está tudo igual, isso continua sendo a Av. Paulista”. Para mim foi um tempo enorme, mas fiquei 20 minutos lá e não aparecia ninguém e falei “Não, não vou morrer e o que posso fazer agora? Estava num momento em que todo o momento era importante, o que eu posso nesse momento. Naquele momento eu não podia levantar, não podia fazer nada, a única coisa que podia era respirar. Eu falava “Concentra na sua respiração.” E ficava só respirando, teve um cara que falou “Você quer que ligue para quem”, dei o telefone da minha mãe, minha mãe chegou lá na hora, meu irmão chegou lá na hora, chamaram o resgate. Só me concentrando na respiração, esse cara, me lembro muito bem que esse cara falou assim “Calma, calma, vai dar tudo certo.” Foi a melhor coisa que podia ouvir, ele nem sabe como foi importante. É mesmo, foi uma grande certeza que tive naquele momento, essa voz, esse cara que falou isso. Jorge, ele chama, amigo da Biê, aí fui para o Hospital.

P/1 – Você foi resgatada pelo Resgate do Corpo de Bombeiros, eles foram legais?

R – É foi pelo Resgate, foram maravilhosos, demais, chegaram rápido, eu já estava numa situação muito... Não perdi a consciência.

P/1 – Você não desmaiou de dor?

R – Não, alguma coisa me falava se você dormir você morre. Então respira, se você dormir você vai parar de respirar, a única obrigação que tinha era respirar e para respirar tinha que ficar acordada. Eles me pegaram, não podia beber água, pedi água, porque me deu muita sede e esse cara disse “Eu não posso te dar água.”, entendia de primeiros socorros, acho. Falava “Só um golinho, estou com muita sede.” “Mas não tem água aqui.” “Tem, na minha bicicleta”. Tinha total consciência de tudo que estava acontecendo, me deu um gole de água que estava na bicicleta e eles me botaram num carro, fui respondendo onde morava, fui respondendo um grande questionário até chegar no Hospital das Clínicas. Antes de entrar no resgate, uma coisa maravilhosa assim que vi o que era ser mãe, a hora que estava entrando na maca, minha mãe falou assim – completamente desestruturada – ela virou para mim e falou assim “Força filha”. Completamente desestruturada, ela não tinha estrutura nenhuma e queria falar “Força que vai dar tudo certo, a gente está aqui.” Olhava e pensava “Gente, isso é que é ser mãe.” Sem estrutura nenhuma e ainda tem o instinto de cuidar, aí que comecei a ver meus pais de uma maneira muito diferente, porque antes de ser mãe e pai, você é pessoa, foi uma grande mudança. A melhor mudança depois desse acidente foi isso, lembro do meu irmão caçula, o Marcelo que chegou. Ele é uma pessoa muito firme, apesar de não ser muito, tem esse jeito, segurou na minha mão, na rua e falava para ele assim, não, não foi nessa hora não, nessa hora só via a minha mãe. Aí cheguei no Hospital, urrava de dor e falava “Me dá anestesia, por favor”. Antes de me dar anestesia eles tinham que tirar radiografia de tudo porque quebrei o joelho e a bacia fez assim, não se sabia como ia operar porque estava completamente torta, estava torcida, cheguei na maca torcida. Eles tinham que me mudar de posição para tirar radiografia e eu gritava, gritava e olhava para porta, minha mãe e o Marcelo. Chamei o Marcelo e falei “Está tudo bem, não se preocupa, estou gritando mas está tudo bem, vai dar tudo certo”. Depois que falei isso ele confiou um absurdo, era o mais otimista, sabe quando eu falo sério as coisas. “Não se preocupa que vai dar tudo certo”, que mais...

P/1 – Demorou uma eternidade até você ser anestesiada realmente?

R - Para mim foi uma eternidade, não sei quanto tempo foi, em minutos, tinham inaugurado um túnel que tinha passava de um prédio ao outro, por baixo e eu na maca. A enfermeira era nova e não sabia passar pelo túnel e a gente se perdeu no túnel, lembro de tudo isso.

P/1 – Você não estava anestesiada?

R – Não, só morfina que eles me davam, começava a ficar muito grogue, mas tinha consciência. Falei que estava menstruada, só que eles não ouviram, não sei se falei de verdade, mas para mim tenho certeza que falei. Eles achavam que tinha ferido algum órgão, tanto é que cortaram para ver lá dentro, lembro que falava tudo isso. Falava o que tinha comido de manhã, porque tinha que entubar, se tinha tomado café, quanto eu tinha comido. Eles queriam que assinasse um papel e estava toda torta.

P/2 – Você estava com tua mãe já?

R – Não, porque o Resgate falou que ia me levar para a Santa Casa e mudou de idéia no caminho, minha mãe foi para Santa Casa e fui sozinha para o Hospital, tinha que ser responsável pela burocracia.

P/2 – Porque não tinha um acompanhante que podia ir com você no resgate?

R – Não podia, eu falava para aquele monte de menino, nunca tinha entrado num Hospital como paciente.

P/1 – Te levaram para onde, pro Pronto Socorro?

R – Para o Pronto Socorro do HC, olhava e falava “Só tem menino aqui”, achava muito jovem, será alguém vai saber cuidar de mim? Até que veio um cara mais velho, me olhou assim, o Dr. Jorge, é amigo de um amigo meu. Depois a gente vai descobrindo essas coisas, nunca esqueço, ele olhava assim, um olhar muito arrogante, no processo, o último dia que ele foi cuidar de mim. A mudança desse médico.

P/1 – Ele foi o primeiro médico que te atendeu?

R – Foi o médico que me operou de verdade.

P/2 – Aquele que te acompanhou?

R - Da parte da bacia, porque a medicina olha a gente como partes. Tinha a equipe da bacia, a equipe da pele, porque também perdi toda a pele da perna e tive que fazer enxerto. Eram vários grupos, a equipe da infectologia, a equipe do não sei o que. Você que tem que administrar tudo e é uma coisa absurda num hospital público, não teria direito na UTI e na semi UTI, não podia ficar ninguém comigo. Não sei se esticou ou alongou os tendões do meu corpo então não tinha força de levantar minha perna e nem podia me mexer. Fiquei na mesma posição dois meses e meio para me mexer, para dar uma folga, aí começa a dar bolsa de água, de pus. Super problemático, você ficar na mesma posição, o calcanhar começa a dar um negócio, vai dando outro tipo de problema. Para você se mexer de outra posição, tinha que fazer um trabalho de conquistar cada enfermeira de cada turno. Eu falava “Me mexe”, porque se não elas falavam “depois” e ficavam tomando cafezinho. Um absurdo! Então, além da situação você ainda tem que conquistar esse tipo de coisa num hospital público.

P/2 - Como foi, você entrou e foi logo operada? Como foi o processo?

R – Fui logo operada.

P/2- Que equipe que te operou, que cirurgia você fez?

R – Esse Dr. Jorge, que é um super médico de bacia, ele fez uma coisa que foi até meio nova. Depois ele levava meu caso para dar aula na faculdade me operou de costas, talvez porque o joelho estivesse quebrado. Operou-me de costas, colocou dois parafusos na bacia, que o parafuso chega assim, o final da coluna é aqui e o parafuso chega até aqui, foi super risco. Não sabia que tinha sido tão grave esse acidente, só depois de uma semana é que fiquei sabendo, aí operei a bacia, devem ter operado o joelho junto porque quando acordei já estava retinha de novo.

P/3 – Você chegou lá e falou para o teu irmão “Não, está tudo bem.” Você sentiu do hospital, dos médicos, em algum momento, essa certeza que estava tudo bem foi expressa?

R – Não, foi um absurdo. A cara que os médicos faziam quando eles me viam, era um absurdo, era... Certo pavor. Ainda bem, sou uma pessoa que quero uma coisa, esqueço um pouco tudo que está em volta, porque se me baseasse nesse tipo de reação, nunca iria ter força para acreditar que ia dar certo, nunca. Pelo olhar do médico, tipo “Vamos ver o que posso fazer”, o olhar dos residentes “Nossa, ela está chocada!”, eu falava “Me dá um apoio para o braço.” Não tinha força para fazer nada, cheguei no hospital sem pulso e sem pressão, não tinha mais sangue no corpo. Não sei como tinha consciência porque era para estar em coma fisicamente, acho que até estava em coma fisicamente. Me lembro de tudo, me lembro que falava, eles perguntavam se tinha alergia e falava que tinha alergia de borrachudo. Todos esses detalhes tinha completa consciência e por isso que eu acho meio maluco, falava “Dá um apoio para o meu braço”, aí já começaram a colocar soro, essas coisas. “Dá um apoio para o meu braço que não estou conseguindo fazer força para manter”, a maca é muito pequenininha para manter ele apertado, queria relaxar um pouco. Eles falavam “Calma, calma, calma”, completamente desesperados, tinha que cuidar de muita coisa junto, não dava para cuidar só da dor. Tinha que fazer uma social, um absurdo, uma cara de nojo, uma coisa bem absurda.

P/3 – Os médicos e as enfermeiras?

R – Isso era mais os residentes.

P/2 – Sua mãe chegou em que momento?

R – No momento das radiografias.

P/2 – Eles ficaram te acompanhando?

R – Não, acho que não, ah, a última coisa que lembro quando eles falaram “Nós já vamos te entubar para te anestésias, você precisa relaxar porque nós vamos colocar um tubo pela sua boca e isso foi a última vez, lembro que isso foi um pouco depois da radiografia.

P/2 – Te falaram que iam te operar, o que iam fazer?

R – Não, só falaram que iam me anestésias, eu imaginava mas eles não me falaram. Me lembro desse desespero assim, de não saber o que fazer comigo, porque foi um caso meio grave. Meio... Completamente grave. Saí de risco de vida depois de quatro dias e ainda passei pelo risco de ter que amputar a perna.

P/1 – Você ficou quatro dias na UTI, é isso?

R – Na UTI mesmo acho que fiquei um dia, na semi UTI fiquei uma semana.

P/1 – Quando você voltou à consciência, como foi?

R – Na UTI mesmo já acordava, tinha uma necessidade muito grande de saber o que estava acontecendo, porque vi que ali tinha que cuidar de mim. Não senti, em nenhum momento, “Ah, está bom, vão cuidar de mim”, em nenhum momento.

P/1 – O que te passava que não ia ser cuidada?

R – A frieza, principalmente. Sabia que ali não era uma pessoa, era algo a ser cuidado, trocar o curativo, algo a se dar banho. Era um trabalho para as pessoas e não uma pessoa, um objeto de trabalho. Isso deixou com que... Deixa cuidar de mim, pelo menos da saúde mental. Lembro que já acordei e pedi para tirarem o tubo porque já estava boa. Achei que já ia para casa, que só tinha quebrado a perna, depois de quatro dias que meu pai me falou que quase morri. Até então queria sair porque tinha compromisso, quando eu caí..

P/2 – Você perguntou para alguém se tinham te operado? Ninguém veio te falar?

R – A primeira vez que abriram o curativo da minha perna veio toda uma junta médica, muito médico. Eles não falaram “Bom Dia”, chegaram, esse Dr. Jorge que depois mudou um pouco comigo, já abriu o curativo, foi mostrando tudo que estava acontecendo.

P/3 – Foi seu primeiro contato com a perna?

R – Foi.

P/3 – Você nem imaginava como estava?

R – Nem imaginava e ele não falou nada.

P/1 – Você viu tudo aquilo?

R – Vi, era um hematoma bem preto. Primeiro que já tinha uma perna bem grossa, por fazer tanto esporte e era uma coisa muito absurda porque já estava muito fininha, minha perna. Aí já tinha percebido que tinha perdido massa muscular, estava, sabe quando bate e fica roxo, preto? Estava esse roxo preto na perna e na pele toda e uma costura absurda, uma costura muito grande, muito grossa da virilha até o tornozelo, com fios pretos. Estava inteira preta, como se tivesse... Tinha até coisa de pneu. Já olhei aquilo e falei “Caramba”, imaginava que era roxo e com o tempo ia passar, um pensamento completamente otimista. Não sabia que aquilo era pele necrosada, que depois ia ter que fazer um enxerto, quanto tempo ia ter que ficar ali, não sabia nem o que tinha acontecido comigo e não me falaram nada. Só depois quando meus pais vieram me visitar.

P/3 – Mas na hora você não perguntou o que aconteceu?

R – Eu perguntava, mas era uma coisa assim Emilio, quebrou, então vamos dar aula, um absurdo, não tinha... Dava raiva. Não tinha um cuidado, vinha mexendo e doía, eu falava “Está doendo!” Era como se... Você quer ficar boa, então aguenta e esse mesmo médico chegou para minha mãe e falou “Não tem chance, vai ter que amputar mesmo”, não tinha nenhuma esperança, nenhuma. Por isso que acho que esse cara mudou, ele viu que não é assim.

P/2 – Como foi essa mudança, eles acharam que não tinha nenhuma chance, em primeiro momento provavelmente. Quando que eles viram que tinha chance, como foi essa história?

R – Da parte deles não sei.

P/2 – Mas foi uma evolução natural do caso?

R – Primeiro foi assim, ele me operou, sai da cirurgia e ele falou para minha mãe que tinha muito pouco risco de viver, muita pouca chance de viver. Começou assim, foi indo, eu melhorando mas com essa coisa de amputar a perna. Vai ter que amputar, talvez dê uma puta infecção, em uma semana saí do risco de vida e do risco de amputar a perna. Em uma semana saí disso tudo, tive uma infecção, mas não era a que eles

estavam esperando. Tive certa infecção, tive que tomar antibiótico durante todo mês que estava lá, mas em uma semana... Tinha aquela coisa “Eu não posso perder tempo”, ficava pensando: “Células se multipliquem, células se transformem”, fechava o olho e ficava imaginando cada partezinha do meu corpo, das células se reestruturando, se refazendo, saindo o roxo, voltando a cor normal da pele. Tudo assim, não perdia tempo, enquanto podia ficar acordada pensava que estava melhorando.

P/1 – A consciência do que tinha acontecido com você, até o teu pai vir te contar, você ia deduzindo, como você via teu corpo. É isso?

R – Então, acho que sou tão alienada. Achei mesmo que aquilo fosse roxo de batida e achei mesmo que só tinha quebrado a perna. Quando meu pai me contou e falei “Nossa, como eu não pensei nisso antes?”, um pouco de alienação mesmo.

P/1 – Aí teu pai te contou o que, ele contou espontaneamente, você perguntou para ele?

R – Não, ele contou, falou “Filha, você sabe o tanto que foi grave esse acidente.” porque eles viam que estava brincando naquele lugar, porque falava se eles podiam me liberar para assistir uma aula. “Será que eu posso ir fazer minhas coisas e voltar? Eu volto.” Para mim não era tão grave, ficava brincando, não faço xixi, tem uma sonda, olha que demais. Achava uma idiotisse tudo, palhaço, qualquer bobeira tem graça, ele falou “Você sabe que é bem grave, você quase morreu.” Foi um baque, eu falei “Nossa”.

P/1 – E quanto tempo você ficou no hospital?

R – 33 dias.

P/1 – Sozinha, porque não podia ter acompanhante.

R – Então, aí gente deu um jeitinho porque a Arisco patrocinava uma pesquisa do HC e meu pai trabalhava lá e o dono da Arisco falou... O que a gente conseguiu é que ficasse na ala de criança para ficar um responsável comigo, mas depois disso ainda fui para casa e depois de três meses voltei para Casa (Santa Casa) para fazer uma cirurgia no joelho. Daí fiquei sozinha, não tinha mais tanta necessidade, não estava mais tão abalada.

P/2 – Você ficou onde no HC, na ortopedia? Em que prédio, você lembra?

R – Instituto de Ortopedia e Traumatologia, IOT Senão teria ficado sozinha numa situação dessas para me mexer, tinha que gritar a enfermeira, na hora que ela pudesse vir, ela viria me dar comida porque não tinha condição de comer, é um absurdo.

P/1 – Você presenciou essa situação com outras pessoas?

R – Depois passei por isso, nessa outra cirurgia que fiz no joelho. Ainda bem que andava já nessa época, foi três meses depois. Era um absurdo, tinham pessoas que não podiam... É chocante. As enfermeiras, não todas, porque têm pessoas maravilhosas que são anjos.

(INTERFERÊNCIA)

P/1 – Você estava contando que você foi para casa depois voltou para ser operada de novo.

P/3 – Estava falando dos anjos.

R – As enfermeiras não são reconhecidas toda uma situação social que já é difícil. Ali têm umas que executam uma função e fazem como estão a fim. Não quero te mexer agora, não quero sair daqui para mudar você de posição.

P/3 – É a maioria?

R – A maioria é, fiquei um mês, deu tempo de conquistar muitas. Me dedicava bastante com isso, não ficava revoltada com isso, se me revoltasse, seria uma briga feia. Entendia o lado delas, é difícil a situação e também olhava elas como humano, antes de ser enfermeira e antes de estar ali para me ajudar, servir, me cuidar. Isso foi bom porque a gente pode conquistar muitas que achei que iam me matar. Terror assim, uma enfermeira à noite que liga a luz, Puf, já vai te furar, não dá tempo nem de você sonhar. É o tempo inteiro, a qualquer momento vai vir dor, tinham algumas que tinham um cuidado um absurdo, talvez tenha sido fruto de uma relação que a gente estabeleceu por mim e por elas.

P/2 – Queria voltar um pouquinho para acompanhar o teu processo, depois que teu pai te contou a gravidade, como foi isso para você, foi assimilando isso. Isso mudou alguma coisa naquele processo que você estava de não ter tempo para perder.

R – Mudou assim, passei talvez meio dia chorando, porque falei “Como você viaja, olha o que te aconteceu e o que você pensa!” Acho que deu uma deprimida porque falei “Putá merda!”, passaram todas as questões que não tinham passado na mesma hora, tipo: quase que morri mesmo e se eu morresse. Foi uma reflexão meio geral, me deu muito medo de ficar sozinha, naquela situação, naquela semi UTI, mas depois falei “Agora é mais que tudo, concentre ainda mais suas energia para sair logo. Foi uma questão de honra, o que falavam para mim, comecei a pirar naquela coisa do médico ser tão frio. A medicina hoje tem um padrão porque a maioria das pessoas se recupera em tal período, o tempo de recuperação é esse, isso é mentira, não é real. Falavam para mim: “Você vai sair daqui do hospital daqui a dois meses” eu falava “Não vou.” Virou uma questão de honra melhorar., falava “Eu posso”. Tinha acabado de fazer o caminho de Santiago, sabia o tanto que podia, não de andar mais ou menos, mas sabia que podia falar “Corpo, anda”. Foi exatamente o mesmo período do caminho e do acidente, um completamente ativo e o outro

completamente passivo, mas os problemas eram os mesmos, as glórias eram as mesmas. No caminho passava por situações difíceis que falava “Você tem que andar”, ou então “Você tem que parar” “Chega de andar, cuida de você” e falava a mesma coisa “Você tem que melhorar, tem que sair logo” porque não queria ficar lá. Me lembro que tinham pessoas em situações tão piores, situações de saúde mental tão piores que eu. Eu falava “Esse lugar é de louco” elas se deixam ficar a mercê desse tipo de comentário médico, não acredito nisso, não é porque a maioria das pessoas se recuperam em tal tempo que vou me recuperar, não vou me encaixar numa porcentagem, quero ser eu, quero fazer a minha recuperação. Por isso que falo, foi uma questão de honra, olhava aquele médico. “Eu vou sair daqui muito rápido” e tinha um humor que foi o que... Queria conquistar aquele médico, por tudo que penso da medicina, queria mostrar para ele um pouquinho, sabia que não tinha abertura para diálogo nenhum. Só queria que ele entendesse que era uma pessoa e aí foi muito legal que ele entendeu.

P/1 – Como você percebeu isso?

R – Comecei a perguntar coisas para ele que não tinha nada a ver com a doença, com a situação, do que tinha acontecido comigo, comecei a perguntar quantas filhas ele tinha, qual era a idade da filha dele, se andava de bicicleta.

P/1 – Como você teve certeza que ele mudou de comportamento?

R – A equipe mudou, a bacia estava OK e fui transferida para equipe do joelho, mesmo depois disso ia me visitar, ia ver se estava tudo bem, se estava comendo. Ele não precisava mais ir.

P/1 – Depois de um mês você saiu?

R – Saí.

P/1 - A tua mãe ficou esse tempo todo com você?

P/2 – Como era a rotina, ela dormia, você dormia sozinha?

R – Ela podia dormir numa cadeira.

P/2 – Como era o dia-a-dia? O que acontecia?

R – Os médicos passavam bem cedo, seis ou sete horas da manhã, vinha aquele batalhão de gente que tinha de escrever as perguntas para não esquecer. Se podia fazer isso, se podia fazer aquilo, se podia encostar a coberta, porque a minha perna estava em carne viva só depois de dois meses e meio que foi voltar a ter pele, até fazer o enxerto, tudo. Então tinha que anotar porque não tinha tempo, a gente tinha uma listinha de perguntas e perguntávamos tudo. As 11.30 vinha o almoço, minha mãe sempre comigo. Só podia comer coisas do hospital, normalmente não como carne, gosto de salada, de fruta, de peixe. Não gosto de feijão e tinha que comer feijão, tinha que comer para melhorar, mas não era prazeroso. Até que tinha duas amigas que faziam tráfego de comida, comecei a melhorar porque comecei a comer melhor. Me lembro da vez que tomei açaí, que adoro e é super rico em ferro. Uma coisa meio birra isso. Não pode entrar comida de fora só porque os outros não podem passar vontade, é uma burocracia que não tem função. Porque o outro vai ver e vai ficar com vontade? OK, mas estava num lugar onde só tinha eu, então a burocracia funcionava mesmo assim.

P/2 – Era um quarto privativo?

R – Não, era uma enfermaria, mas fiquei sozinha nesse mês.

P/2 – Foi uma exceção, digamos assim, não era regra. Foi uma regalia?

R – Foi uma regalia porque meu pai... Foi uma regalia se não...

P/2 – Como que era? Você tinha dor, como era essa questão das dores?

R – Eu tinha dor, tive dor muito tempo, tinha muita dor no joelho e era uma dor interna, não era uma dor num lugar. Uma dor no osso, de frio, uma dor profunda. Eles me davam muito remédio e a dor parava de vez em quando, tomei muito calmante. Doía muito, teve uma vez que doeu um absurdo, mais que o acidente até, eles foram trocar...

(TROCA DE FITA)

R - ... Eles foram trocar o curativo da minha perna, estava tudo em carne viva, estava tudo grudado o curativo e eles foram trocar sem anestesia, um absurdo. Como não dão nem uma anestesia local e trocando assim. Lembro-me de uma enfermeira grávida fazendo isso, eu urrava, urrava de dor assim. Foi uma dor mais do que o acidente, me lembro que via a mulher grávida fazendo isso, é tão extremo da condição humana. Uma mulher grávida, esperando um filho, tendo que fazer aquela função e eu urrando de dor.

P/1 – Mas você achava que não tinha condição de te dar uma anestesia, as pessoas... Porque não te deram uma anestesia?

R – Porque não foi prescrito, quando o médico passou no outro dia eu falei “Olha, por favor, não faz mais curativo sem anestesia”, aí eles

começaram a me anestesiarem. É por isso. A burocracia é o que é mais importante num hospital, você é a última coisa, nem é pessoa, é uma coisa, é horrível assim, ainda mais público. Ainda lutei muito por coisas que achava que podia ter. Têm pessoas que não conseguem falar nada, só aceitam, por uma miséria social, nem sabem exigir nada, nem sabem que direito que eles têm

P/2 – Por que coisas que você teve que lutar?

R – De liberarem a comida foi uma.

P/3 – Chegou um momento que eles liberaram?

R – Chegou um momento que liberaram aí eu podia comer tudo. Os caras da padaria, têm uma padaria do lado da minha casa, tem três caras que são uns amores, eles foram doar sangue, mandavam cafézinho que sempre adoro. Tiveram coisas lindas, coisas incríveis de beleza, de ser humano.

P/2 – Dá para contar algumas?

R – Então, esses detalhes, o cara da padaria ir lá doar sangue, mandar cafézinho. Gente numa situação muito pior que você te ajudando.

P/2 – Gente que estava lá internada?

R – É, enfermeiras assim, lindas. Enfermeira que passava a noite conversando, detalhes engraçados. Depois ficava lembrando “Nunca achei que fosse existir isso no mundo”. Isso foi um pouco depois, mas teve uma situação tão patética, quando você volta para as consultas, fica ali esperando seu nome ser chamado. Isso é muito absurdo: uma mulher chamando “Fulano de tal”, no microfone naquele ambulatório cheio de gente, você chega às sete horas para ser atendida às onze. “Fulano de tal, Atchim...” (risos). As coisas que são patéticas lembro muito. “Fulano”, nada. “Fulano”, nada. “Fulano”, aí vem um velhinho de muleta “Calma que estou indo” (risos), porque tem pressa para pegar o cartão. Acho bonito isso, porque é o outro lado da miséria, coisas que ouvi de um cara. A gente passou pela mesma situação de infecção de enxerto. Eu chorando e ele “Calma, vai ficar tudo bem”, no outro deu infecção nele e eu consolando ele.

P/1 – Isso ainda no hospital?

R – Não, depois, nos retornos, ele virou para mim assim.. Um cara, motoboy falou “Nunca deixa ninguém falar que isso é feio. Se alguém falar que isso é feio, você se afasta dela, porque ela não entendeu nada”. Esse tipo de coisa é lindo de ouvir, é uma simplicidade muito sábia, uma bobeira, mas é outro lado também. As pessoas que estão lá, que contornam essa burocracia, a fila de maca num corredorzinho e fazer a curva para entrar num consultório. Tem fila de maca, tem trânsito de maca, uma pessoa está ali e desequilibrou na muleta e vai apoiar ali, “não, aí não”. É tão precário que se não fosse a solidariedade seria um absurdo, as pessoas se ajudam muito, porque ninguém tem nada ali, não importa o quanto de dinheiro você tem, ninguém tem nada ali.

P/1 – Quanto tempo você ficou sem andar?

R – Dois meses e meio. Quase três meses, uma semana para completar três meses.

P/3 – Depois que você voltou?

P/2 – O processo todo?

R – O processo todo. Aí andei de cadeira de roda por muito tempo, quando pude andar de muleta, não podia tanto porque era assim, tive uma contradição: quebrei o joelho e perdi a pele da mesma perna. Então para o joelho eu teria que dobrar a perna na fisioterapia, mas para pele não. O meu joelho só dobra até aqui hoje, tive que ficar esperando primeiro a pele cicatrizar para depois dobrar. Quando já podia andar de muleta, não podia ficar tanto tempo em pé porque sangrava, ainda não estava completamente cicatrizado. Na verdade fui começar a andar sozinha depois de uns seis ou sete meses.

P/2 – Então na tua internação você teve a cirurgia da bacia...

R – É, tive essa cirurgia primeirona, foi bacia e joelho. Depois passei por oito limpezas, eles chamam de limpeza cirúrgica para limpar o que estava necrosado, a pele necrosada eles limpavam

P/2 – Que envolvia anestesia geral? Era uma cirurgia?

R – Anestesia, aí tomava a aqui ou local. Ia para o centro cirúrgico, fui umas oito vezes fazer limpeza, uma depois para fazer enxerto, uma coisa absurda essa coisa do enxerto, porque eles falaram “A gente só vai dar uma anestesia local” “Ah, tudo bem”. Já conhecia vários médicos, a gente tinha até uma brincadeira porque chegava lá dormindo e eles faziam a tala muito perto, ia fazer xixi e fazia na tala, ficava com medo de infeccionar. Ia com um bilhete, escrevia um bilhete porque se chegasse dormindo não podia falar, então ia com um bilhete pedindo para fazer um pouquinho mais cavado para poder fazer xixi. Falei “Tudo bem, vai ser legal, vou ver vocês trabalhando”. Meu corpo foi acostumando muito com esse tipo de droga, passava muito rápido o efeito. A anestesia começou a passar e começou a doer na hora do enxerto, tirou um pedaço de pele daqui e da virilha para por na perna. Aí falei “Está ardendo, será que poderia dar mais anestesia?”, porque estava ardendo mesmo, estava sentindo tudo.

Pedi isso duas vezes para o anestesista quando ele passou, na terceira ele falou “Está bom, agora você vai dormir.” Colocou um tubo de anestesia e falou “Está bom, agora você vai dormir e parar de encher o saco.” Tinham pessoas e pessoas, médicos lindos e residentes lindos, residentes figurinhas.

P/1 – Essas pessoas, essa vivência depois você coloca... Qual o espaço que você teve depois, você nunca pode fazer uma reclamação formal ou formalizar alguma coisa em relação ao atendimento... Quando a gente fica comparativamente, bom tem esses bons e a gente usa isso para se consolar, mas um espaço efetivo para falar dessas coisas que não funcionaram..

R – Não existe, não acho que equivale, disse que tiveram coisas maravilhosas. É a mesma coisa que falo, tiveram coisas maravilhosas nesse acidente, mas não foi bom. É um absurdo do jeito com que se trata uma pessoa, não vai ter nada de bom que vi que mude isso. O fato de ter visto coisas de bom, ainda bem que vi, poderia ser pior.

P/1 – Talvez elas tivessem acontecido de qualquer jeito. Tirando a parte ruim, a parte boa ia acontecer, quero dizer que a parte ruim aconteceu e foi péssima. A parte boa... O hospital poderia ter sido melhor e a parte boa iria acontecer do mesmo jeito, entendeu? Ela não é uma compensação da parte ruim, é uma parte boa realmente.

R – Exatamente, poderia ter sido um processo lindo porque acontecem acidentes, vai saber! Só você parar um momento da sua vida, repensar tudo que você já tinha dado como certo, todos os referenciais que você achava que tinha, é um momento de crescimento tão enorme e se as pessoas olhassem isso como uma coisa até sagrada, eles cuidariam muito para que você pudesse pensar só nisso. Seria um atendimento perfeito se fosse voltada para esse crescimento, acho, é uma piração minha. Já é uma situação difícil e de maneira nenhuma você pode ser submetida a esse tipo de tratamento, é um desrespeito ao humano. Se as pessoas fossem cuidar de tudo, para que tudo seja bom, para que ela possa pensar só nisso, para que ela possa refletir e se cuidar, mas é o que acredito, nas coisas.

P/3 – Marina, só para gente, nesse assunto... Você falou na enfermeira anjo, falou de um motoboy que assumiu um papel de anjo, então naquele momento teve certo povoamento de anjos. Será que você consegue identificar quem são esses anjos que estão presentes no hospital e quem são esses anti-anjos, para não falar em demônios, que estão nos hospitais. O que vem para você, nessa tua experiência, quais foram os teus anjos e quais aqueles que você queria fugir?

R – Lembro de pessoas, não lembro de um nome para as coisas, eram pessoas, cada uma com sua individualidade. Não daria para classificar, os anjos são os pacientes e os demônios...

P/3 – Para você o que foi anjo nessa experiência?

R - Acho que anjo foram as pessoas que consegui olhar e conseguiram comigo me olhar. Você é uma pessoa tanto quanto eu. Isso facilitou uma fluidez de coisas que eu chamo de boas e de anjos. As pessoas que já te viam direto como um número, como uma burocracia, isso não sei, as que pude ter esses momentos de anjo, me viram como pessoas e eu os vi como pessoas, não como um personagem, você também é paciente e enfermeiro.

P/2 – Como era o uso do tempo nesse período que você ficou lá, você lia, você conversava, como esse tempo foi sendo administrado.

R – Li um livro, foi uma situação muito engraçada – meio patética. Estava lendo um livro do Osho que chama “Antes que você morra”, é um livro todo bonito, filosófico, todo zen. Na semi UTI falei para minha mãe “Trás o livro para eu terminar de ler”, minha mãe chega à semi UTI com o livro “Antes que você morra” (risos). Eles acharam minha mãe louca, terminei de ler esse livro e depois não consegui ler mais, não conseguia me concentrar numa coisa que não fosse aquilo. Comecei a assistir filme e desenho animado, a gente pode levar uma televisão, peguei todos os desenhos, ficava assistindo desenhos, novelas. Ficava assistindo televisão porque televisão é alguma coisa que você foge mesmo, o livro você tem que se concentrar e pensar. Ouvia muita música, passava praticamente o dia inteiro ouvindo música e nesse processo, ficava imaginando que o ritmo da música era o ritmo que minhas células estavam evoluindo, me imaginando dançando e que quando respirava era como se mais saúde entrasse em mim. Então a música foi praticamente o dia todo e quando não queria mais pensar nisso assistia televisão, para dar aquela fugidinha, tem que ter espaço para isso porque é muito trabalho.

P/1 – Quais eram suas músicas prediletas?

R – Eu ouvia tudo, Marisa Monte, Raul Seixas, tudo, Gil, Caetano.

P/2 – Tua mãe ficava o tempo todo, como era?

R – Ficava o tempo todo, tive uma tia que ficou também, ficou alguns dias. Mas minha mãe que praticamente ficou o tempo todo, ela se revezava com meu pai. Minha mãe foi quem mais ficou, mas às vezes para ela descansar, ia meu pai e meus irmãos, o que foi muito legal e mudou a relação com os meus irmãos.

P/2 – O que mudou Marina?

R – Primeiro assim.. É engraçado, é como se a gente tivesse voltado a ser criança, mas numa situação completamente extrema. Via meu irmão caçula arquitetando um plano na cabeça dele, porque nessa época eu já podia mudar de posição, mas não conseguia me mexer, então na cabeça dele, arquitetava um plano para saber como ia me mexer para minha perna não fechar mais que isso porque não podia. Então ele trouxe uma

mesa, punha a cadeira, amarrava meu pé de um jeito; e era uma brincadeira. O tanto que ele pensava nisso só para me mudar de posição, um carinho absurdo. Meu outro irmão que também ficava horas passando no corredor, eu tinha a visão de um corredor e ele ficava horas passando, passava de um jeito, voltava de outro. Ficava fazendo graça e a gente ria feito dois retardados naquele hospital. Isso foi demais com eles e também uma coisa assim, não dá para ter pudor. Eles tinham que me limpar, eles tinham que cuidar de mim, tinham que me colocar para fazer coco, fazer xixi, tinham que me limpar. Esse tipo de pudor acabou, na relação, foi muito louco, com todos, é emoção demais (choro). Tem coisa mais importante que isso, mas foi muita coisa de conquista, depois que vi minha mãe naquela situação, defini, aquilo é que era ser mãe. Foi muito legal porque muitos conflitos, muitas questões com os meus pais mudaram porque nunca tinha pensado de verdade que antes de ela ser minha mãe ela era uma mulher e meu pai um homem. De ver muitos lados que antes... Minha mãe... E não é, têm muitas coisas ruins nas pessoas, muitos lados, porque são iguais. Todo mundo tem os seus lados, mas parece que filho é meio bitolado, o pai e a mãe e é legal mesmo quebrar isso. Agora tenho uma relação de pessoa, por exemplo, ela é uma mulher e sou uma mulher. Perdeu aquela coisa tão materna e paterna, uma grande ruptura muito boa, muito boa mesmo. Classifico isso como muito boa.

P/1 – Você acha que isso aconteceu porque mudou uma percepção tua ou por...

R – Porque mudou uma percepção minha, por toda a situação talvez

P/2 – Depois de um mês você foi para casa, como foi chegar em casa, sair do hospital?

R – Nossa foi demais, o médico falava para mim “Você vai daqui a tantos dias”, eu contava os dias, queria muito sair, aí ele chegou e falou “Você tem duas opções: ou fica aqui até o próximo curativo ou vai para casa hoje e volta no próximo no próximo curativo.” “Vou para casa hoje”. Ninguém estava esperando que fosse sair naquele dia, foi uma surpresa linda, era muito movimento, me lembro que nessa época descobri como andar cansa. Como todo movimento nosso é muito desgaste de energia, me lembro que para sair da cama, colocar na cadeira de rodas, para andar; andar de carro era um enjoo absurdo. Senti um enjoo, era muito movimento para quem ficou mais de um mês praticamente na mesma posição, lembro que saí, vi aquele sol e falava “Nossa, não estou acreditando.” É como se cada segundo fosse um deleite, até chegar em casa, até chegar no quarto, a cachorra que ficava latindo. Nossa que saudade da cachorrinha, detalhes miúdos, o cheiro de casa, o cheiro do quarto, música. Engraçado, a minha casa era fresca.

P/1 – Que mês que você teve o acidente?

R – Junho.

P/1 – Junho era inverno né?

R – Era inverno.

P/1 – Você passou frio no hospital?

R – Não, no hospital não, mas em casa passei porque teve uma época que não podia ter nada em cima da minha pele. Era um puta frio. Uma arquitetura, teve que alugar uma cama de hospital, a gente passava uma fita na grade da cama, passava um pano, punha a cobertura por cima. Punha umas sete cobertas, porque não esquentava era muito alto. Eu passava muito frio em casa e quando chegava no hospital, tinha um médico que olhava e falava assim “Eu fiquei pensando tanto no frio que você deve ter sentido essa noite!” O médico falava. Passei frio mesmo, mas o frio era o de menos, imagina. Tinha coisas que passava e falava “Vai”.

P/1 – Amanhã vai fazer calor...

P/2 – Você recebia visitas, tinha amigos, como foi esse período que você ficou em casa?

R – Foi, ia gente direto, tem uma coisa tão engraçada dessa coisa do hospital. Tenho duas amigas, uma psicóloga formada agora e uma é fonoaudióloga, as duas se vestiram de branco, fiquei uma semana na semi UTI, quando entrei na enfermaria, estava eu e meu pai. Assim, muitas pessoas acompanhavam muito e ficavam torcendo muito. Elas são amigas de infância, se vestiram de branco, entraram no hospital e a Cíntia que é essa psicóloga e falou “Eu sou psicóloga da Marina, faço um tratamento com ela há muito tempo – não sabia de nada disso – gostaria de acompanhar ela, se pudesse visitar ela todos os dias.” não sei muito bem o que ela explicou, a Fe. As psicólogas do HC mostraram o prontuário para Cíntia, nisso entra meu pai, elas pensaram “Agora ferrou”, meu pai ia falar “Oi Cí”, não tem profissionalismo nenhum nessa relação. A Cíntia viu meu pai e falou “Inclusive esse é o pai dela, oi Sr. Marcos como vai?” Deu branco no meu pai e ele falou “Oi doutora”. Elas foram me visitar todos os 33 dias, sendo que elas não eram nada ali, por causa de uma conversa fiada elas burlaram toda essa burocracia. Depois elas vinham todo dia, a gente ficava assistindo fita do casamento da Fe. É incrível como não é nada essa burocracia porque ao mesmo tempo impede tudo, com uma conversinha fiada, você vai lá se vestia de branco, tinha estacionamento garantido, que lá é uma coisa muito difícil, o estacionamento. O segurança tirava o negócio, ela estacionava no lugar do médico, ficava lá, conversando nada, que cara de pau, que sistema.

P/1 – Tinha limite de visitas?

R – Tinha uma visita por dia durante meia hora.

P/1 – Elas podiam ficar o tempo que queriam?

R – É, elas podiam ficar o tempo que elas quisessem, um absurdo. Não acreditei quando elas chegaram lá, é muita cara de pau.

P/1 - Quando você voltou para casa teve uma fase até você poder voltar a andar, depois teve uma fase de fisioterapia, você falou que o processo todo durou um ano.

R – É, ao todo um ano, podia fazer fisioterapia no hospital que era uma fisioterapia... Lembro que foi uma das épocas mais difíceis a fisioterapia.

P/2 – Depois que você voltou a andar?

R – Depois, porque quando voltei, o meu joelho dobrava até aqui, tinha essa flexão. Isso é o máximo que você vai conseguir, ou no máximo você vai chegar até aqui, que vai andar mancando. Eu falava “Não vou, isso é uma porcentagem que vocês estipularam, não vou. Vou conseguir dobrar até chegar ao chão, isso é o que quero, isso é o que vai ser para mim”. A fisioterapia do hospital era assim, para dar certo tem que doer e não acredito nisso, a dor vem, é consequência de uma série de movimentos. Para dar certo tem que doer, não, se não doer é porque você tem que forçar mais. É real por um lado, mas não acredito nesse tipo de medicina, então eu faltava na fisioterapia do hospital e fui fazer hidroterapia, super demais, a gente ficava fazendo na água. Doía para caramba, mas a relação que tinha com a figura, era uma pessoa, sentava, a gente ficava conversando um tempo antes de ir para piscina, tomava um café, me diz o que aconteceu, o que é melhor. O que você está fazendo? Já dá para voltar a trabalhar? Outra relação. Quando te vêem como pessoa você se sente com muito mais vontade de melhorar, porque se não você fala “Para o mundo ser assim, para ser assim no mundo, um número.”. Ainda bem que fui buscar o meu, então estava fazendo a hidroterapia e continuava fazendo a fisioterapia. Fisioterapia é uma coisa muito difícil porque você precisa ficar horas fazendo uma coisinha, é um trabalho muito formiguinha, você não tem resultado, dói. Mas foi aonde foi a minha grande subida, eu acho. Minha grande montanha para subir, um pé depois o outro porque é uma coisa que não tem resultado, é uma coisa que você não vê, mas tem que fazer, tem que passar por isso, meio dolorido. Quando entrei na hidroterapia era mais gostosinho, gostava mais de ir. Até o momento que conseguia flexão para andar de bicicleta, aí fui andar de bicicleta.

P/1 – Você foi andar de bicicleta?

R – Andei, fui ao parque, porque prometi para minha mãe que nunca mais ia andar na rua. Fui ao parque, peguei a mesma bicicletinha, me estourei inteira, a bicicleta fez assim no banco, entortou, não fez nada na bicicleta. Não caiu o negocio da água do cano. Aí peguei a bicicletinha, fui ao parque, andei três horas de bicicleta, andei muito.

P/1 – Não dói mais, não perdeu a mobilidade de fazer nada?

R – Não me impede de fazer nada. Me impediria, acho, se fosse fazer commedia dell'arte de novo, para fazer um arlequino, com essa perna me impediria de fazer um arlequino. Por isso que um pouco desisti de fazer esse projeto do Baú Brasil.

P/2 – Porque, o que exige?

R – Porque o Arlequino é uma figura que se comunica muito com o corpo, firula o tempo todo, fica de cabeça para baixo, cabeça para cima, cambalhota.

P/2 – Exige _____

R – Me impediria disso, mas tem tantas outras coisas que posso fazer, isso não é nada.

P/2 – Esse período que você chama de um ano foi do acidente até que momento?

R – Até o momento que fui fazer o curso de Clown com a Quito. Já tinha feito, já tinha até feito a banda. Até o momento que pude fazer uma coisa feliz, que chamo de quando foi o fim. Até andei com sete meses, andando mancando, até nesse curso ainda estava mancando, mas foi o primeiro momento que para mim o processo terminou, que pude produzir uma coisa que era feliz, foi um curso rápido que sendo assim pude me divertir. Para mim finalizou, começou, ponto final no acidente.

P/2 – Hoje olhando esse processo o que tem a Marina hoje, o que trouxe de transformação para tua vida, o que mudou com esse processo?

R – (risos) Afirmou muitas coisas que pensava, mudou tudo. Tudo que eu... As coisas que hoje em dia tem valor para mim são completamente outras das que achava importante. O que dou valor hoje mudou, o que dou valor hoje para o que dava valor antes e muitas coisa que acreditava tipo “O que estou fazendo aqui no mundo”, principalmente o que te dizem para ser assim – você vai sair daqui a dois meses. Consegui essas afirmações porque falei assim, não que seja dona do mundo, dona da verdade, muito pelo contrário.

P/2 – Mas não se deixou aprisionar por isso?

R – É, esse tipo de afirmação, posso fazer mais do que essa sociedade me impõe, não bem a sociedade, mas esse tipo de pensamento que a gente tem que sofrer. Isso afirmou porque passei...

(INTERRUPÇÃO)

R -... Foi uma coisa que sempre tive vontade.

P/2 – Queria voltar para entender um pouco mais de como é para você entrar num hospital.

(INTERRUPÇÃO)

R – Ah, das coisas que afirmei, posso mudar essa porcentagem que é estipulada para a saúde, pro tanto que você vai melhorar a cada dia. Esse tipo de coisa, mudou muita coisa, é muito complexo, mas isso foi uma grande afirmação, não se deixar submeter a números.

P/1 – Bom a partir daí você foi fazer aquele curso como se encerrou o episódio, você começou uma nova vida, vamos dizer assim. Você tinha parado o que estava fazendo durante um ano. Você foi fazer o curso de Clown.

R – Fui fazer o curso de Clown, mas fui com a intenção de me divertir mesmo. Até cheguei para Quito e falei “Quito, só estou aqui para me divertir, nem pega no meu pé que só quero ser feliz, só estou aqui para isso. Estou precisando dessa semana (não sei se era uma semana ou 15 dias).” Fui voltando aos poucos, voltando para casa do teatro, voltei a dar aula, aí fiquei um ano dando aula, foi super intenso o meu ano lá, bastante, para muitas turmas.

P/1 – Do que especificamente?

R – De teatro para criança e adolescente. Já tinha mandado o currículo nos Doutores e recebi a cartinha, vamos lá, vai saber.

P/1 – Desde quando você começou nos Doutores?

R – Tem dois meses só.

P/1 – O que você já conhecia do trabalho dos Doutores antes de você ter entrado.

R – Conheço a Soraia bastante e o Cezinha que a gente trabalho junto na banda. Então conheci o cotidiano um pouco. Conhecia o que eles passaram, o que mais gostava nos Doutores, porque já trabalhei num hospital, na Associação Arte e Despertar pela Casa do Teatro, que a gente tinha que dar aula de teatro durante um período. Via umas coisas nos hospitais que me decepcionou, não era isso o que queria. E senti isso, tinham umas pessoas que iam, enquanto estava internada, de uma igreja – “Viemos aqui para trazer um pouco de alegria para você.” e iam cantar. Aquilo era uma invasão tão grande, tamanha invasão. Porque não queria aquilo, eles estavam precisando da minha atenção, não era eu que estava precisando da atenção de ninguém. Eram seres completamente carentes que estavam precisando da atenção de uma pessoa de cama para ouvir a música deles. Isso era horrível. Vi isso muitos nas voluntárias dos hospitais, lá no IOP que trabalhei. Ai que gracinha, é um jeito de tratar o doente, é como se você acabasse de afirmar: sou o superior e você o doente. Nos Doutores já sabia que não existia isso, somos iguais e viemos aqui brincar. Não tem diferença nenhuma. Era o que mais achava legal, o que mais me dava vontade de trabalhar, mas nunca achei que tivesse experiência suficiente.

P/2 – Como está sendo para você entrar no hospital, vem flashes ou é outra...

R – É outra coisa. Porque acho que tem outra frequência o raciocínio do palhaço que já esquece. Claro que não porque você tem que olhar de fora, vê onde você está indo. Até agora foi tudo muito prazeroso, muito profissional mesmo. Você tem que ir lá e desenvolver um jogo, isso eu acho interessante, a doença não passa, o que passa é a saúde.

P/1 – Que hospital você vai?

R – Estou indo no Emílio Ribas e no Candido Fontoura. Está sendo muito prazeroso, termino o dia, “Ah, que demais que é trabalhar com isso”. Tenho muita coisa, muitas coisas não me assustam, talvez assustariam. Muitas coisas estou acostumada a ver. Não sei se as pessoas se assustam com isso ou ficam um pouco “Nossa...” em nenhum momento também me lembro do acidente. É muito outra coisa, outra situação.

P/1 – Mesmo na tua vida, no teu dia-a-dia, as lembranças do que foi esse um ano não estão presentes?

R - Hoje em dia não, depois de um ano... Como ainda voltava ao hospital, esquecia. Quando chegava lá, os médicos olhavam e falavam “Nossa, não acredito, é você. Menina que sorte que você teve, sua recuperação como foi boa!” daí falava “Nossa, é mesmo, olha o que já passei, nossa, caramba, que vitória que foi”. Não lembro muito. Não, lógico que sei, sei quando preciso ver o joelho. Esse processo é como se fosse o Caminho de Santiago, foi uma viagem muito boa, não boa no sentido... É como se fosse a lembrança do caminho.

P/1 – Nesse trabalho nos Doutores da Alegria, independentemente da criança que você está visitando, você acha que consegue interferir com as pessoas do hospital, pensando no que você passou. Isso mudou alguma coisa ou não?

R – Não penso nisso. Eu penso, sou palhaço e tenho esse jogo a desenvolver.

P/1 – Se você quebra essa burocracia com esse trabalho?

R – Então, o trabalho em si já quebra, executo o que é o trabalho, mas por conta do acidente querer...

P/2 – O acidente em si, Marina, você atribui a algum significado ou para você é uma coisa do acaso. Você tem necessidade de dar um sentido para o que aconteceu ou não? Um significado ou não, não é uma coisa que te... Porque você, naquele momento? Você chegou a pensar nisso?

R – Pensei na hora, pensei. Tenho muitos amigos que andam de bicicleta até hoje. Nenhum usa capacete, nenhum usa proteção e eu usava tudo. A primeira coisa que pensei “Meu, justo comigo que ando toda protegida!”, aí falei “larga mão de ser vaidosa, de achar que as coisas nunca vão acontecer com você”. Tenho uma coisa de achar que as coisas não acontecem em vão, porque você tem que aprender uma coisa com isso. Foi uma grande oportunidade que tive de aprender tudo que aprendi. Foi desse jeito, vai lá saber, sendo um acidente ou sendo tendo um filho. Essas coisas não me cabem entender. O que me cabe é “Eu tenho isso nessa situação, como vou sair ou passar por isso”, agora porque não sei.

P/1 – Marina, a gente estava falando nessa coisa de não se ter espaço para dar voz para algumas coisas que você viveu e parece que não tinha aonde colocar. Não podia chegar ao final e falar “olha o Dr. Fulano de Tal, isso aqui não funciona”. No final você tem ainda que dizer muito obrigada porque salvaram a tua vida. Se você pudesse ter tido esse espaço, o que você diria e para quem, ou você diria para alguém das coisas que não foram legais?

R – Para instituição de um modo geral, para medicina de um modo geral que antes de você ser um joelho, você é uma pessoa. Não adianta você tratar parte, você tem que tratar o todo. Muitas vezes é uma coisa antes que vai, a cura está antes. A cura está noutro lugar a não ser no joelho. A medicina tem que evoluir muito ainda. Para instituição, para o hospital em si...

P/2 – Ou para os rostos que você lembra que faltou...

R – Como assim?

P/2 – Você viu pessoas que tiveram atitudes das quais você não pode dizer nada. Estou te perguntando, se você pensasse nesses rostos, se você pudesse falar alguma coisa, tivesse esse espaço.

R – Acho que é mais ou menos isso. É mais ou menos a mesma coisa. Olhar outra pessoa que está ali, num determinado papel de paciente e você está num determinado papel de enfermeiro, mas são duas pessoas, acho que os papéis estão acima disso e não precisa estar. Sou enfermeira agora então vou te furar, mas é uma questão tão complexa, como esses enfermeiros são tratados, quanto eles recebem para trabalhar lá, o que eles não passam para chegar ali. Acho que isso que é imenso, o que dá para falar que é um absurdo. Hoje em dia como fui tratada, é um absurdo, é surreal, não dá para acreditar que é esse o tratamento que se dá para uma pessoa que está numa situação tão frágil dessas. É péssimo, isso tem que se mudar, a condição.

P/1 - Vou te perguntar o que você ainda gostaria de realizar na sua vida, quais são os seus planos para o futuro.

R – Nossa... Eu não tenho nenhum

P/1 – Tem algum sonho?

R – Também não. Essa coisa de ainda quero fazer isso, não. Quero todo dia, fazer um dia. Depois de passar por tudo isso, é tão frágil, é legal você pensar “Um dia ainda posso fazer isso”, se você fica muito lá, a vida pode acabar aqui. A vida, nunca acho que acaba. Não acho que a gente morre. A gente pode mudar de condição muito rápido, quero viver agora, quero que cada minuto seja o meu lazer.

P/2 – Quando você fala “A gente não morre”, você tem alguma religião, alguma espiritualidade que te conta isso?

R – Acho que sim, considero que sim, mas não sou de nenhuma religião. Tenho o que acredito, minhas conclusões gerais de tudo que já conheço das religiões, do que já fui atrás, mas acho que a gente não morre, só muda de estado, de físico para o gasoso.

(Risos)

P/1 – Você gostou de ter dado essa entrevista?

R – Adorei, adorei.

P/1 – É uma coisa muito forte, para gente que está ouvindo é só agradecer de coração porque se dispôs a lembrar tudo e contar.

R – Imagina, obrigada eu. Acho que é importante assim falar, são coisa bonitas de serem pensadas. Foi bom para mim também.

P/2 – Um dos sonhos que a gente tem com esse projeto é que esse pudesse ser um pouco um espaço de cidadania, para as coisas que não deu para você falar naquele momento.

R – E de estar podendo contribuir para isso, é que agradeço porque tomara que mude mesmo.

P/1 – Então, muito obrigada.

R – Obrigada.